

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (A.B.)

Class.: Política Ind. Oficial

Data: 1 de junho de 1985

Pg.: 877

## CARTAS

4468

Funai

Senhor Redator

As declarações feitas à imprensa pelo superintendente-executivo da Funai, o indigenista Apoena Meireles, acerca das contradições existentes no órgão, realmente merecem ser refletidas por todos os cidadãos que, conscientes da importância de ser racionalizada a política indigenista, não podem ficar omissos diante do que se passa e que foi denunciado.

Por incrível que pareça, o palco escolhido por Apoena Meireles para choramingar com toda a justiça a reformulação total da Funai foi a reunião do Conselho Deliberativo da Sudam, onde governadores e representantes de órgãos da administração direta ou indireta também desfilaram sua mágoas, preocupações, perplexidades e desilusões diante de uma série de problemas vultosos que a todos indistintamente atinge.

Pois bem. Voltando ao Meireles, eu diria que a sinceridade e a correção - principalmente em dar satisfação, à opinião pública, das mazelas que permeiam a vida de um órgão vinculado à administração federal, como é a Funai - com que se pronunciou me deixaram sensivelmente bem impressionado. Não é qualquer pessoa que tem o mesmo desassombro e a mesma consciência demonstradas pelo indigenista. Afinal, há um longo tempo, mais precisamente nas duas últimas décadas, institucionalizou-se neste país a prática nada solução e nada honrosa de levar à opinião pública fatos completamente distorcidos, absolutamente contrários ao que a realidade mostrava, numa tentativa de embair a população e induzi-la a acreditar que o Brasil em que vivemos sempre foi um paraíso cor-de-rosa.

Por isso mesmo, senhor Redator, é que a denúncia sobre os problemas que a Funai vem enfrentando no trato e na condução dos problemas indígenas devem ser consideradas por todos os segmentos responsáveis da sociedade brasileira, e principalmente da sociedade amazônica, onde se concentram parcelas consideráveis de populações indígenas, dispersas pelos diversos Estados que compõem esta região.

A idéia-base lançada pelo indige-

nista Apoena Meireles, de que é preciso descentralizar as ações da Fundação Nacional do Índio, para dar-lhe maior flexibilidade de ação e possibilitar a implementação de medidas que estejam mais adequadas às diferentes realidades que cercam os índios brasileiros, realmente é uma idéia que deveria ser esposada por todos nós.

Por uma razão muito simples: não é mais possível que Brasília seja o centro único de onde as decisões devem ser emanadas, embora problemas localizados - e graves - ocorram a milhares de quilômetros de distância do sossegado Planalto Central do Brasil. O que Apoena Meireles disse é uma verdade: os problemas vividos pelos índios do Nordeste e da Amazônia podem, até, ser semelhantes, mas exigem soluções diferenciadas, tendo em vista situações políticas, econômicas, sociais e até fundiárias que existe nas regiões onde os índios se localizam.

Nações indígenas inteiras vêm tendo, no decorrer dos anos, uma acentuada regressão no seu contingente populacional. Isso já foi mostrado por diversos especialistas, em diversos estudos, por muitas e muitas vezes. E decisões tomadas principalmente nos últimos dois anos, pelo último Governo revolucionário, foram simplesmente catastróficas para a preservação das condições básicas de sobrevivência dos índios, em todos os pontos do país, notadamente em regiões onde os conflitos fundiários se sobressaem e para onde os fluxos migratórios são direcionados. Infelizmente, tais decisões só têm contribuído para piorar ainda mais uma situação que já era caótica.

A permissão para que a lavra mineral seja feita em reservas indígenas, por exemplo, é um desses absurdos inomináveis, que só poderiam ser concebidos por cabeças completamente dissociadas da realidade social que cerca os índios. Por tudo isso, senhor Redator, é que os ares de renovação da Nova República precisam, com urgência urgentíssima, bafejar a Fundação Nacional do Índio, sob pena de vermos agravar-se ainda mais uma situação que, de tudo, já é insustentável.

João Amoedo dos Santos